

A partir deste número, a *Signótica* passa a publicar quatro números em cada volume anual. A periodicidade da revista passa a ser, portanto, trimestral: nº 1 (janeiro a março), nº 2 (abril a junho), nº 3 (julho a setembro) e nº 4 (outubro a dezembro), com a publicação ocorrendo até o final do primeiro mês de cada trimestre. Os números ímpares serão de Estudos Literários e os pares, de Estudos Linguísticos.

Este número 1 do volume 30 compõe-se de duas seções: Dossiê e Miscelânea.

O Dossiê é dedicado a Manuel Bandeira e é composto por cinco artigos e dois depoimentos. A proposta do Dossiê visou à comemoração dos 50 anos da morte do autor de *Crônicas da província do Brasil* e ao interesse em compilar leituras contemporâneas que abordem a obra do poeta de diferentes perspectivas, estabelecendo um estimulante e necessário diálogo com sua vasta fortuna crítica.

Considerando que 2017 marcara os 100 anos de publicação de *A cinza das horas*, juntas, ambas efemérides sugerem a possibilidade de ler a produção desse autor decisivo de uma perspectiva histórica distanciada, de modo que algumas ideias profundamente estabelecidas possam ser repensadas e assumir novos contornos. Manuel Bandeira, como se sabe, é o poeta do alumbramento e do rigor técnico, de um lirismo aparentemente confessional, mas também de formas oníricas e, se lido em suas nuances e ambivalências, da formalização estética de questões de ordem social e histórica ligadas às contradições do processo de modernização brasileiro em diferentes momentos da primeira metade do século XX. Foi também autor de excelentes textos em prosa, alguns dos quais quase inexplorados.

No primeiro artigo, “A poesia prismática de Manuel Bandeira”, Antônio Donizeti Pires enfatiza as diferentes atividades artísticas e intelectuais do autor de *Estrela da manhã*. A partir da análise de “três poemas prismáticos”, o autor discute procedimentos estéticos e temas decisivos da poética bandeiriana, destacando, entre outros, a maneira tangencial pela qual “Bandeira se acerca de questões fulcrais

do nacionalismo literário” e o modo como problematiza os “legados e desdobramentos” do modernismo.

Em “*Guia de Ouro Preto* e os poemas ouro-pretanos de Bandeira”, Éverton Barbosa Correia argumenta que a considerável produção narrativa de Bandeira “explicita o caráter analítico da representação social constante na sua escrita, nem sempre observada por ocasião da leitura de sua produção lírica”. De acordo com Correia, o *Guia de Ouro Preto* (encomendado por Rodrigo Melo Franco de Andrade para uma coleção cujo primeiro volume foi escrito por Gilberto Freyre) vincula-se a esforços de afirmação nacional e regional frequentemente tratados pela historiografia como vividamente separados. O discurso do autor do *Guia* “é menos informativo do que formador, no sentido em que reconhece e afirma uma longínqua tradição cultural vincada” no chão mineiro “que pode ser rastreada historicamente”. Como contraste e complemento a essa discussão, Correia analisa três poemas de Bandeira que têm Ouro Preto como tema.

As relações entre Bandeira e Freyre são tratadas também no artigo “‘As vozes daquele tempo’: imaginário da infância e do patriarcalismo na poesia de Manuel Bandeira (1924-1930)”. Felipe Alves Paulo Cavalcanti e Durval Muniz de Albuquerque Jr. propõem uma leitura de matriz historiográfica que visa a discutir os sentidos assumidos pela infância na poesia de Bandeira a partir de *Libertinagem*. Os autores argumentam que é possível reconhecer uma “ligação indissolúvel” entre o “mundo da infância” de Bandeira e “o imaginário do patriarcalismo freyriano”.

Já em “Libertinagem, libertação e uma tensão dialética no cotidiano: algumas notas sobre a lírica de Manuel Bandeira”, Antônio Marcos Vieira Sanseverino, retomando uma constante fundamental da produção bandeiriana, a saber, a expressão lírica do cotidiano, propõe uma análise que destaca o processo de reificação como componente central desse mesmo cotidiano, tantas vezes visto em chave predominantemente afirmativa, como uma descoberta por parte do poeta da simplicidade e do prosaico sem maiores tensões.

No último artigo, “As imagens do ‘Alumbramento’ de Manuel Bandeira”, André Vinícius Pessôa faz uma análise do poema mencionado

no título a partir da “remontagem das peças do seu sugestivo jogo intertextual”, entre as quais podem-se destacar correspondências com a *Divina Comédia* e com a cultura grega, além da “ambientação de *A montanha mágica*”, de Thomas Mann. Após discussão cuidadosa, Pessoa analisa como esse “esquema referencial” construído ao longo dos versos acaba por ser reconfigurado pelo verso final como um “véu que antes cobria a verdadeira visão”.

O Dossiê é completado pelos depoimentos de dois poetas: Armando Freitas Filho e Sylvio Fraga. O primeiro estreou com o livro *Palavra* em 1963. Quarenta anos depois, lançou *Máquina de escrever*, sua poesia reunida até então. A trilogia memorialística composta de *Lar*, *Dever* e *Rol* – publicados em 2009, 2013 e 2016 – confirma não apenas a excelência dessa poética, mas também sua capacidade de transformação. Urbana e de verve trágica, a poesia de Armando faz da morte seu tema de maior obsessão, manifestando experiências de um sujeito dilacerado. Em *Rol* é possível observar, porém, uma tendência mais resignada, que se aproxima de um tom reflexivo, intimista como tudo na poesia desse autor. A angústia característica de seus versos se mantém em escala crescente, mas alguns momentos de *Rol* indicam novas perspectivas sobre o mesmo problema, ganhando em variedade de emoções.

Já o poeta Sylvio Fraga revela uma assimilação mais branda da experiência trágica, de quem constata, no dia a dia, as provas da fugacidade de todas as coisas. Contudo, a melancolia que permeia sua relação com a morte é sutil, às vezes deslizando por coisas e fatos, entre o campo e a cidade. Nascido em 1986, Sylvio faz parte da novíssima geração de poetas brasileiros. Publicou *Entre árvores* em 2011 e *Cardume* em 2015, livros muito diferentes entre si no que concerne à fatura, contudo ligados pela manutenção de um eixo investigativo, que tem no amor e na natureza dois motivos frequentes, às vezes entrelaçados. Tanto o amor quanto a natureza se tornam meios de filtrar a descoberta da finitude.

Armando e Sylvio são dois poetas muito heterogêneos entre si, pertencentes a gerações separadas por algumas décadas, mas revelam, aqui, nestes depoimentos, um vínculo de admiração e afeto em relação à lírica de Manuel Bandeira. Não estão exclusivamente ligados a ela

pela temática da morte, que os aproxima: sua importância também se manifesta num plano existencial e criativo! Por fim, vale sinalizar: os motivos que aproximam Armando e Sylvio do poeta do Castelo não coincidem necessariamente. Cada qual nos apresenta o *seu* Manuel Bandeira, que num movimento de “libertinagem” conquistou uma notável capacidade de se revelar sob muitas formas.

A seção Miscelânea traz dois artigos. No primeiro, “Transformação d’*Os sertões* nas traduções para o inglês”, Zelina Beato e Aryadne Bezerra de Araújo fazem uma cuidadosa análise das duas traduções para o inglês de *Os sertões*: a primeira, de 1944, por Samuel Putnam e a mais recente, de 2010, por Elizabeth Lowe. Para tanto, partem da perspectiva de Jacques Derrida que “rompe com o ideal de tradução como representação ao assumir essa atividade como maturação e sobrevivência de um texto original”, o que não ocorre “sem transformação daquilo que se traduz”. Já em “‘O leve Pedro’ e a dualidade do amor conjugal”, Maria Aparecida da Costa e Maria Bevenuta Sales de Andrade propõem-se a discutir a “involuntariedade existente no amor” por meio da análise dos protagonistas do conto “O leve Pedro”, do escritor argentino Enrique Anderson Imbert, tomando por base, principalmente, as concepções de Platão, Stendhal e André Capelão.

Os Organizadores